

**A educação financeira de alunos do ensino fundamental:  
Um estudo de caso**

**The financial education of elementary school students:  
A case study**

Linha de pesquisa: Controladoria, Finanças e Mercado Financeiros

Henrique Torres Campos<sup>1</sup>  
Ovidio Alberto Rodriguez Laraich<sup>2</sup>

**RESUMO**

O presente estudo teve por objetivo geral averiguar se os estudantes do sexto ao nono ano do ensino fundamental recebem ensinamentos sobre Educação Financeira. A justificativa para o presente estudo está fundamentada em acreditar que por mais que esteja se falando muito neste assunto atualmente, devido à instabilidade econômica vivida no mundo, nota-se que o número de endividados é alto, assim como o número de pessoas que não sabem organizar suas finanças pessoais. A pesquisa é classificada como sendo de natureza aplicada, sendo classificada como quali-quantitativa, possuindo um aspecto descritiva como pesquisa de campo. Concluiu-se que 32 alunos (40%) mostraram ter pouco entendimento sobre educação financeira, 75 alunos (95%) evidenciando que a educação financeira deve fazer parte do currículo escolar, sendo a educação financeira importante para 50 alunos (70%) dos pesquisados. Também, 60 alunos (80%) alegaram que já tiveram contato com algo referente a finanças educacional na escola.

**Palavras-Chave:** Educação Financeira. Ensino Fundamental. Escola.

**ABSTRACT**

The present study aimed to investigate how students from the sixth to the ninth year of elementary School receive teachings about Financial Education. The justification for the present study is based on the belief that, although much is being said about this subject today, due to the economic instability experienced in the world, it is noted that the number of indebted is high, as well as the number of people who do not know organize your personal finances. The research is classified as being of an applied nature, being classified as quali-quantitative, having a descriptive aspect as field research. It was concluded that 32 (40%) of the students showed little understanding of Financial Education, with 75 students (95%) evidencing that Financial Education should be part of the school curriculum, with Financial Education being important for 50 (70%) of the students. researched. Also, 60 students (80%) claimed that they had already had contact with something related to Financial Education at school.

**Keywords:** Financial Education. Elementary School. School.

---

<sup>1</sup> Acadêmico do Curso de Administração da Pontifícia Universidade Católica de Goiás — [henriquetorrescampos@gmail.com](mailto:henriquetorrescampos@gmail.com) CPF: 700.418.091-30.

<sup>2</sup> Mestre em Engenharia de Produção com ênfase Planejamento Estratégico (UFSC) Professor efetivo do Curso de Administração PUC Goiás- [laraich@yahoo.com.br](mailto:laraich@yahoo.com.br).

## 1. INTRODUÇÃO

A Educação Financeira não consiste apenas em aprender a economizar, poupar, cortar gastos, anotar e juntar dinheiro, como muitas pessoas pensam. Trata-se de um processo/aprendizado em que, além dos hábitos citados, é necessário ter um pensamento consciente; comportamentos que permitam viver de acordo com o que se tem e ainda planejar e realizar sonhos a longo prazo.

No atual sistema capitalista ao qual vivencia-se, essa ciência humana pouco é ensinada; o ser humano é consumista e materialista, e as crianças/jovens são alvos fáceis da mídia para o consumo desenfreado. Neste contexto, a busca pela independência financeira é uma luta da grande maioria da população, por isso, é importante entender desde cedo que o dinheiro é um bem, que não é fácil de adquiri-lo, e que ele vai embora muito fácil, logo, quanto antes a Educação Financeira é inserida na vida, maiores são as chances de se ter hábitos de consumo consciente.

Muitos não acreditam que esse assunto possa ser abordado com as crianças, que estas devam apenas se preocupar com os estudos. No entanto, o aprendizado da Educação Financeira vai além da economia do dinheiro; são hábitos em busca de uma vida melhor. Ensinar a criança a ser um consumidor informado e responsável é essencial para evitar o desperdício e o consumismo exagerado.

Deste modo, as crianças que são estimuladas a desenvolver consciência financeira, no futuro, vão se tornar adultos mais responsáveis e preocupados com o meio ambiente. A Educação Financeira no Brasil passou a fazer parte das grades curriculares da educação em janeiro de 2018, quando a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi promulgada. Essa inclusão recente serve para todas as escolas públicas e particulares do país (BRASIL, 2018).

Como problema da pesquisa, tem-se que é necessário refletir acerca do fato de que o Brasil, nas últimas cinco décadas, mudou de moeda oito vezes. Como assinala D'Aquino (2008), uma instabilidade econômica, por um longo período, acabou fazendo parte da vida dos brasileiros, onde as pessoas contraíram o costume de “comprar imediatamente”, visto que os preços variavam ligeiramente. Uma das decorrências herdadas da época da inflação foi, logo, a falta de uma Educação Financeira na formação dos cidadãos, que necessita ser pensada e implantada.

Hoje, os tempos são outros, entretanto, permanece a ausência de planejamento em boa parte da população para lidar com o dinheiro, além dos consequentes elevados índices de endividamento. Nesta conjuntura, Costa e Silva (2011) assinalam que a falta do tema referente a Educação Financeira nas escolas pode ser uma das grandes razões da utilização desordenada do dinheiro.

Souza (2012), por sua vez, fala que, ao instruir uma criança a lidar com dinheiro desde pequena, essa, na fase adulta, poderá ter maiores probabilidades de aprender a gerir o seu salário, a sua vida, e vai saber poupar e investir o dinheiro. Sendo assim, a pergunta a ser respondida por esta pesquisa é: os estudantes do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental da Escola estadual Maria Aparecida de Almeida recebem ensinamentos sobre Educação Financeira?

Como hipótese para tal questionamento, Coutinho e Teixeira (2013) creem que seja função da escola debater com os indivíduos a vida em sociedade, as distintas circunstâncias que eles provavelmente irão se deparar no futuro, ou também, que já se deparam no presente. Deste modo, torna-se imprescindível que possuam conhecimentos que permitam o discernimento na ocasião da escolha, portanto, necessita-se assegurar que os alunos possuam conhecimento sobre as diferentes circunstâncias financeiras as quais estão envolvidos diariamente.

Portanto, o presente estudo teve por objetivo geral averiguar se os estudantes do sexto

ao nono ano do Ensino Fundamental recebem ensinamentos sobre Educação Financeira. Como objetivos específicos: abordar os conceitos referentes a Educação Financeira; estudar a Educação Financeira aplicada ao Ensino Básico; levantar os tópicos que devem constar da avaliação sobre a Educação Financeira; e estabelecer níveis de mensuração para avaliação da Educação Financeira.

A justificativa para o presente estudo está fundamentada em acreditar que, por mais que esteja se falando muito em Educação Financeira atualmente, devido à instabilidade econômica vivida no Mundo, nota-se que o número de endividados é alto, assim como o número de pessoas que não sabem organizar suas finanças pessoais, e também pelo fato de esse tema ser ainda pouco abordado, principalmente com as crianças.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Inicialmente, compete dizer que as sociedades atuais se encontram em frequente modificação e, repetidamente, aparecem novas tecnologias. A rapidez com que essa realidade se altera acaba gerando um amplo desafio à competência e à criatividade dos gestores empresariais, visto que eles precisam se adaptar a essas novas circunstâncias. Dito isto, é de suma importância que estes gestores, bem como as pessoas, estejam preparados para encarar e se integrar ao ambiente em frequente mudança (VIEIRA; BATAGLIA; SEREIA, 2011).

Atualmente, observa-se que a oferta de produtos financeiros passou a ser abundante, e as frequentes transformações no sistema financeiro demandam das pessoas maior conhecimento acerca dos assuntos conexos à economia e finanças. Com isto, o mercado financeiro de agora tornou-se mais complicado, o que exige maiores desafios para a população de um modo geral (KÜHL; VALER; GUSMÃO, 2016).

Sendo assim, pode-se dizer que a Educação Financeira é capaz de desenvolver aptidões que possam vir a facilitar os indivíduos a tomarem decisões certas e fazerem um bom gerenciamento de suas finanças individuais. Essa habilidade colabora para que exista maior integração entre as pessoas na sociedade, e permite também a elevação de um mercado mais competitivo e competente (VIEIRA; BATAGLIA; SEREIA, 2011).

A importância da Educação Financeira aumentou na última década, inclusive, como complemento à proteção e inclusão do consumidor financeiro, com vistas a apoiar a estabilidade financeira e o bem-estar financeiro dos indivíduos. A alfabetização financeira, em particular, passou a ser reconhecida como uma habilidade essencial para a vida dos indivíduos como resultado da evolução do mercado financeiro e das mudanças demográficas, econômicas e políticas (DAMIANI, 2013).

Em um número crescente de países, parcelas maiores da população têm acesso a produtos básicos de transação do que no passado. A nível global, o número de novas contas de depósito criadas em bancos comerciais aumentou de 2010 a 2016, com cerca de 30-50 novas contas por 1000 adultos todos os anos em 2011-2015. Além disso, os consumidores têm maior acesso a uma variedade de instrumentos de crédito e poupança fornecidos por diferentes entidades, desde bancos e corretoras *online* até grupos comunitários (VIEIRA; MOREIRA JUNIOR; POTRICH, 2019).

Ao mesmo tempo, os mercados financeiros tornaram-se mais sofisticados, e novos produtos são oferecidos aos consumidores de varejo. A desregulamentação dos mercados financeiros e a redução de custos determinada pela evolução das tecnologias de informação e telecomunicações resultaram na proliferação de novos produtos financeiros adaptados a necessidades de mercado muito específicas (KÜHL; VALER; GUSMÃO, 2016).

Mesmo produtos simples, como cadernetas de poupança, agora são oferecidos em diversas formas e com características diferentes. Esse aumento na sofisticação dos produtos e na oferta significa que produtos relativamente simples podem se tornar complexos para o

consumidor médio, pois, muitas vezes, exigem o entendimento de conceitos financeiros como vencimento da dívida, durações, opções de pagamento e outras opções (VIEIRA; BATAGLIA; SEREIA, 2011).

Tanto nas economias desenvolvidas quanto nas emergentes, o acesso facilitado a uma série de opções de crédito por instituições formais e não formais, tem levado a níveis preocupantes de superendividamento entre parcelas da população. Nas economias emergentes, as novas classes médias costumam ser investidores de primeira viagem e precisam dos instrumentos para navegar nos mercados e produtos financeiros (DAMIANI, 2013).

Indivíduos em todo o mundo e que vivem em diferentes ambientes econômicos, financeiros e sociais precisam assumir mais responsabilidade por seu futuro bem-estar e proteção financeira. Em economias desenvolvidas e emergentes, mudanças nos arranjos de bem-estar público e ocupacional – por exemplo, uma mudança de pensões de benefício definido para pensões de contribuição definida – enquanto a esperança de vida está a aumentar, levou um número crescente de trabalhadores a assumir mais responsabilidades (financeiras) (DOMINGOS, 2012).

Isso é particularmente verdadeiro no que diz respeito ao planejamento de aposentadoria, mas, também ao financiamento de necessidades de saúde de longo prazo, assegurando o impacto de catástrofes naturais mais frequentes e financiando a educação das crianças. Na maioria dos países, a situação econômica difícil persistente e o mercado de trabalho instável também significam que os indivíduos e suas famílias devem planejar seu futuro imediato e de longo prazo e, em particular, eventos inesperados da vida (incluindo perda de renda) (VIEIRA; BATAGLIA; SEREIA, 2011).

Essas evoluções, bem como a sofisticação, interdependência e globalização dos sistemas financeiros e econômicos, tornam as decisões e o comportamento financeiro dos indivíduos cada vez mais importantes nos níveis micro e macro. No entanto, essas escolhas são relativamente complexas e demoradas; eles podem ser desafiadores mesmo para indivíduos financeiramente astutos, e podem sobrecarregar aqueles com pouca ou nenhuma alfabetização financeira (PERISSÉ, 2014).

Portanto, sabe-se que a educação faz parte da vida cotidiana de todos; é por meio dela que se aprendem as normas de como atuar de forma social e como se age em todos os sentidos da vida, e a Educação Financeira entra neste contexto exatamente pelo fato de o dinheiro igualmente fazer parte da vida de todos desde a infância, sendo importante que se aprenda a coexistir com ele de forma equilibrada. A Educação Financeira, deste modo, trata-se de uma ação que admite que as pessoas tenham plenas condições de compreender e gerir suas finanças de maneira suficiente, impedindo assim que haja o temido endividamento financeiro (KÜHL; VALER; GUSMÃO, 2016).

A Educação Financeira também envolve a proficiência de princípios e conceitos financeiros, tais como planejamento financeiro, juros compostos, gerenciamento de dívida, técnicas de poupança lucrativas e o valor do dinheiro no tempo. A falta de uma Educação Financeira pode levar a escolhas financeiras pobres que podem ter consequências negativas no bem-estar financeiro de um indivíduo. Consequentemente, governos de diversos países criaram projetos e programas de Educação Financeira, fornecendo recursos para pessoas que querem aprender mais sobre finanças (DAMIANI, 2013).

Neste contexto, os principais passos para alcançar a Educação Financeira incluem aprender as habilidades para criar um orçamento, a capacidade de acompanhar os gastos, aprender as técnicas para saldar a dívida e planejar efetivamente a aposentadoria. Essas etapas também podem incluir aconselhamento de um especialista financeiro. A educação sobre finanças envolve entender como o dinheiro funciona, criar e alcançar metas financeiras, além de gerenciar desafios financeiros internos e externos (DOMINGOS, 2012).

De acordo com Giambiagi (2011, p. 50), “a Educação Financeira ajuda os indivíduos a

se tornarem autossuficientes para que possam alcançar estabilidade financeira”. Portanto, aqueles que entendem o assunto, devem ser capazes de responder várias perguntas sobre compras, se um item é necessário, se é acessível e se é um ativo ou um passivo.

Este campo demonstra os comportamentos e atitudes que uma pessoa possui em relação ao dinheiro aplicado em sua vida diária. Com isto, a Educação Financeira mostra como um indivíduo toma decisões financeiras. Essa habilidade pode ajudar uma pessoa a desenvolver um roteiro financeiro para identificar o que ganha, o que gasta e o que deve. Esta educação também afeta os proprietários de pequenas empresas, que contribuem muito para o crescimento econômico e a estabilidade econômica de um país (PERISSÉ, 2014).

Nota-se que o analfabetismo financeiro afeta todas as idades e todos os níveis socioeconômicos. O analfabetismo financeiro faz com que muitas pessoas se tornem vítimas de empréstimos predatórios, hipotecas *subprime*<sup>3</sup>, fraudes financeiras e altas taxas de juros, resultando potencialmente em mau crédito, falência ou execução de hipoteca (DOMINGOS, 2012).

A falta de conhecimento financeiro pode levar a grandes quantias de dívida e a tomada de decisões financeiras precárias. Por exemplo, as vantagens ou desvantagens das taxas de juros fixas e variáveis são conceitos que são mais fáceis de entender e tomar decisões informadas sobre se uma pessoa possui habilidades de Educação Financeira. Com base em dados de pesquisa do *Financial Industry Regulatory Authority*, 63% dos norte-americanos são financeiramente analfabetos. Eles não têm as habilidades básicas para conciliar suas contas bancárias, pagar suas contas em dia, pagar dívidas e planejar o futuro (DAMIANI, 2013).

Deste modo, a Educação Financeira é baseada no fornecimento de sólidos conhecimentos e habilidades financeiras para que eles possam tomar decisões financeiras informadas e tomar ações efetivas em relação à gestão do dinheiro pessoal. No entanto, a mensagem subjacente tem como objetivo ajustar as atitudes e crenças básicas das pessoas, de modo que uma mudança no comportamento financeiro possa ajudar a alcançar um futuro de liberdade financeira e segurança (GIAMBIAGI, 2011).

Conforme explica Vannucci (2013, p. 64), “todos dentro de uma sociedade capitalista têm ou irão ter algum tipo de crédito”. É uma prática normal para a maioria das pessoas pedirem dinheiro emprestado para financiar suas necessidades atuais com a esperança de um futuro pagamento.

Nisto, empresta-se dinheiro na maneira de empréstimos estudantis, por exemplo – para financiar custos educacionais; cartões de crédito e empréstimos privados – para financiar compras de consumidores; e hipotecas – para financiar moradias (PERISSÉ, 2014).

Nos últimos anos, as pessoas começaram a questionar o valor da aquisição de bens materiais em detrimento da segurança financeira e da liberdade. Em 2008, a extensão excessiva do crédito ao consumidor causou o colapso dos sistemas bancários e dos mercados imobiliários nos Estados Unidos, que teve consequência por todo o planeta. Mais de dois milhões de famílias americanas perderam suas casas: executadas devido a uma extensão excessiva do crédito. Portanto, tornar-se financeiramente alfabetizado é uma das soluções para evitar tais perdas, ao mesmo tempo em que se busca segurança financeira e liberdade (MAY, 2015).

A Educação Financeira concentra-se no conhecimento e nas habilidades necessárias para tomar decisões de gerenciamento de dinheiro eficazes e informadas. Obter o conhecimento e desenvolver as habilidades necessárias para se tornar financeiramente alfabetizado é um processo para toda a vida que começa com algo tão simples quanto colocar alguns centavos em um cofrinho e evolui para assuntos mais avançados, como orçamento e

---

<sup>3</sup> Crédito de risco, dado a um tomador que não apresenta garantias satisfatórias para se beneficiar da taxa de juros mais vantajosa.

risco (VANNUCCI, 2013).

No Brasil, todavia, como a Educação Financeira não é enfatizada no sistema educacional, não é exigido que os estudantes do Ensino Fundamental e Médio, por exemplo, participem de um curso de finanças individuais – a grande parte das crianças não possuem o conhecimento e as habilidades necessárias para se tornar adultos financeiramente responsáveis. No entanto, já há um interesse crescente em solicitar aulas de finanças pessoais no ensino regular (PERISSÉ, 2014).

Sendo assim, de acordo com os dizeres de Giambiagi (2011, p. 51), uma pesquisa atual do Banco Central (BC) despontou mais uma vez dados preocupantes sobre a Educação Financeira no Brasil. Cerca de “64% dos brasileiros afirmam pagar suas contas em dia. Todavia, a situação pode não ser tão boa quanto parece, pois, talvez tenham vergonha de exibir a verdade”. Segundo outra pesquisa feita por May (2015, p. 54):

De qualquer maneira, 36% alegam ser inadimplentes, o que concebe mais de um terço da população investigada. Além disto, 18% responderam de forma correta sobre juros compostos, 82% mostraram falhas no cálculo da Matemática Financeira que – fluentemente – afetam inteiramente suas vidas cotidianas. A pesquisa revelou ainda que 56% não realizam orçamento doméstico ou familiar. Isso significa que estão vivendo sem planejamento, ou seja, entregues à própria sorte.

Diante de tal quadro, observa-se que o pouco de conhecimento que a população exibe sobre finanças ainda são ensinadas em casa, onde o papel do educador financeiro recai principalmente sobre os pais, responsáveis e outros adultos. Infelizmente, muitos adultos acham difícil falar sobre finanças – algo que geralmente fica pior quando os adultos não confiam em suas próprias finanças. Não sabendo por onde começar e preocupados em dizer a coisa errada, eles podem evitar falar em dinheiro (PERISSÉ, 2014).

O que é importante para os adultos lembrarem, no entanto, é que mesmo que não seja um *expert* financeiro, um adulto pode ter experiência e perspectiva do seu lado e pode tirar proveito de seus erros e sucessos financeiros para compartilhar conhecimentos e habilidades essenciais com seus filhos (DAMIANI, 2013).

Em síntese, pode-se dizer que as decisões financeiras estão se tornando mais complexas. Existem mais opções disponíveis para poupar, gastar, contrair empréstimos e investir. Dito isto, entende-se que o desenvolvimento de habilidades de Educação Financeira pode ajudar a tomar essas decisões com confiança. E é por isso que a Educação Financeira deve trabalhar com indivíduos, professores e grupos comunitários para ajudar a elevar os níveis de Educação Financeira, com foco em comunidades carentes (MAY, 2015).

Esse tipo de educação pode ser conceituado também como o ensino da vivência dentro de um padrão econômico real, suprimindo desperdícios, aproveitando oportunidades, valorizando o próprio patrimônio, criando rendas e focando no desenvolvimento do patrimônio líquido familiar, para que assim o padrão aumente em um ciclo correto, dentro das expectativas e probabilidades, até que se alcance a independência financeira (SOUZA, 2012).

A expressão financeira aplica-se a uma ampla gama de atividades conexas ao dinheiro na vida das pessoas, desde o controle do cheque até a administração de cartões de crédito, desde o preparativo de um orçamento mensal até a tomada de um empréstimo, aquisição de um seguro, ou uma aplicação financeira. Enquanto que o termo educação sugere o conhecimento de termos, práticas, direitos, normas sociais, e atitudes imprescindíveis à compreensão e funcionamento dessas tarefas financeiras essenciais (COLADELI; BENEDICTO; LAMES, 2013).

No Brasil, a Educação Financeira pode ser tida como algo novo para grande parte das pessoas. Não é um costume dos brasileiros realizar planejamentos financeiros, falar de dinheiro, especialmente com crianças. Além do mais, o Brasil mudou de moeda oito vezes em

pouco mais de maio século, sendo seis destas mudanças ocorridas nas últimas duas décadas (SOUZA, 2012).

No Brasil, nota-se que a Educação Financeira passou a ganhar maior espaço na preparação de ações públicas inicialmente do Decreto n.º 7.397, de 22 de dezembro do ano de 2010, que estabeleceu a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), que possui como objetivo promover a Educação Financeira e previdenciária, colaborar para o fortalecimento da cidadania, a eficácia e solidez do sistema financeiro nacional, bem como a tomada de decisões conscientes por parte da população (VIEIRA; MOREIRA JUNIOR; POTRICH, 2019).

Por mais de uma década uma ampla instabilidade econômica fez parte da vida dos brasileiros que deixou reflexos deste passado. Até porque, dentro de uma economia asfíxiada pela inflação, qualquer tentativa de planejamento financeiro apresentava resultados frágeis e desanimadores. Assim sendo, compreende-se que a Educação Financeira abrange bem mais que alcançar a independência financeira, aptidão de realizar escolhas apropriadas às finanças e as normas contábeis. Sua finalidade também é a de construir bases para que na vida adulta as crianças lidem de forma correta e saudável com o dinheiro (SOUZA, 2012).

Nota-se também que consumidores com maior grau de conhecimento financeiro possuem maior competência para realizar um orçamento individual, poupança e planejamento financeiro para o futuro, confirmando assim o valor da temática acerca da Educação Financeira. Frente a isto, a Educação Financeira é capaz de qualificar os consumidores a serem melhores compradores de bens e serviços (VIEIRA; MOREIRA JUNIOR; POTRICH, 2019).

Sabe-se que a falta de um planejamento econômico a curto e médio prazo dentro de uma conjuntura familiar derivou da instabilidade econômica com elevadas taxas inflacionárias e de juros. E, a longo prazo, nem se poderia imaginar ser possível no ambiente doméstico. Assim, o planejamento adveio a ser admissível a partir do momento em que o país obteve uma maior estabilidade em sua moeda, fato este sucedido em meio à década de 1990 (PELICIOLI, 2011).

Esse procedimento efetivamente pôde ampliar o poder de compra real do consumidor, bem como fornecer maiores chances para aumento do consumo, poupança e investimento, além do que, pôde ajudar todos a alcançar ganhos de conhecimentos imprescindíveis para criar orçamentos familiares, começar planos de poupança, administração de dívidas e formular decisões estratégicas de investimento para aposentadoria (KÜHL; VALER; GUSMÃO, 2016).

É por meio da Educação Financeira que os consumidores e investidores aprimoram o bom entendimento dos produtos financeiros e igualmente desenvolvem capacidades e segurança para se tornarem mais conscientes dos riscos e oportunidades financeiras, para assim realizarem suas alternativas e para saberem onde procurar auxílio, aprimorando, portanto, a relação com o dinheiro (SOUZA, 2012).

Do mesmo modo, nota-se uma urgência social para entender qual o grau de Educação Financeira existente e qual o grau de endividamento dos brasileiros. Acredita-se que a tensão entre o anseio de elevação social e profissional, a partir da elevação do nível de escolaridade, bem como a conservação de padrões socioculturais, desponta como uma das muitas experiências de transição para a vida adulta (FERNANDES; CANDIDO, 2014).

No transcorrer das últimas décadas, os que nasceram depois do ano de 1994 (aqui entendido como marco para a estabilidade monetária atual no Brasil, em razão do Plano Real), muitos deles não possuem saberes de gestão financeira e tampouco como de geração de poupança, podendo, portanto, comprometer o panorama estável da economia. Tal proposição reforça a necessidade da inclusão da Educação Financeira no contexto familiar, bem como nas instituições de ensino (SOUZA, 2012).

Até agora, nota-se que as políticas públicas e diretrizes do Ministério da Educação não abrangem a Educação Financeira como requisito imprescindível para o desenvolvimento da sociedade na vida adulta. Isso, implicando que a base multidisciplinar contraída em meio a vida escolar possa ser satisfatória para que todos possuam conhecimento e capacidade para gerir seus ganhos e despesas. Assim, o papel da família nessa educação igualmente se mostra de suma importância, já que, em meio a esse período, é dela a principal fonte de renda da criança/adolescente (FERNANDES; CANDIDO, 2014).

### **3. METODOLOGIA**

#### **3.1. Classificação da Pesquisa**

A pesquisa aqui desenvolvida foi classificada como sendo de natureza aplicada. Pois, de acordo com Marconi e Lakatos (2010, p. 50), este tipo de pesquisa “possui foco nos problemas e preocupações dos indivíduos e a sua finalidade trata de proporcionar meios de resolução para possíveis problemas humanos”. Além do mais, esse tipo de pesquisa alude-se “ao debate de problemas, aplicando referenciais teóricos de determinada área e a exposição de soluções alternativas”.

Referente a abordagem, a pesquisa foi classificada como sendo quali-quantitativa, já que, de acordo com Chizzotti (2006, p. 41), “há questões que demandam informações acerca de uma ampla quantidade de indivíduos”, e, por conta disto, demandam uma abordagem quantitativa, já nos demais casos, como, por exemplo, “quando se almeja aprender a dinâmica de um processo, a abordagem recomendada pode ser a qualitativa, todavia, tem-se circunstâncias que demandam uma combinação de ambas”.

De tal modo, o tipo de questionamento sugerido para o presente estudo demandou uma pesquisa quali-quantitativa, porquanto foram realizadas análises numéricas no dimensionamento de respostas, de interpretação e entendimento dos fatos.

Referente aos objetivos, a pesquisa no presente estudo se mostrou como sendo descritiva, pois, procurou apresentar com total clareza os resultados alcançados por meio de dados coletados e informados com a amostra de estudantes do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental, da Escola Estadual Maria Aparecida de Almeida, em Bonfinópolis-GO.

Referente aos meios, a pesquisa realizada foi considerada como sendo de campo, uma vez que foi aplicado questionários diretamente aos sujeitos inclusos na amostra, tendo-se em seguida uma análise dos dados e da bibliografia, pois, foi realizada uma pesquisa em obras de autores especializados na temática abordada.

#### **3.2. Definição da Área ou População-Alvo do Estudo**

De acordo com Fonseca (2002, p. 39), “uma amostra trata-se do subconjunto de uma população”. Além do mais, “em um estudo de caráter científico, não é viável utilizar o universo em sua totalidade, portanto, precisa-se utilizar uma fração desse universo na pesquisa”. Já segundo Miguel (2010, p. 55), “para uma amostragem por acessibilidade, o pesquisador se aproveita de elementos que possa trazer maior facilidade de acesso”.

De tal modo, o universo foi composto por 160 alunos do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental. A amostragem se deu em quatro turmas, sendo uma de cada ano, participando vinte alunos de cada turma, totalizando oitenta participantes. Este número de turmas se deu para abranger uma turma de cada ano. O grau de confiabilidade se deu em 95%, tendo-se uma margem de erro de 5%.

### 3.3. Plano e Instrumentos de Coleta de Dados

De acordo com Marconi e Lakatos (2010, p. 86), “o questionário trata-se de uma das maneiras de instrumento mais usadas, já que traz informações que conjecturam a realidade de cada pesquisado”. Já segundo Gil (2007, p. 69), “o questionário trata-se de um instrumento composto por um conjunto de perguntas sistematizadas, que necessita ser respondido sem a compleição do pesquisador”.

Portanto, para alcançar os objetivos estabelecidos no presente estudo, foi utilizado o questionário elaborado pelo *Google Forms*, um aplicativo de gerenciamento de pesquisas lançado pelo *Google*, formado de perguntas fechadas e fechadas para coleta de dados, para que em seguida fosse respondido pelos alunos. Os estudantes responderam os questionários em sala de aula, sob supervisão dos professores.

### 3.4. Análise e Interpretação Dos Dados

A análise de dados, segundo Cervo e Bervian (2004, p. 48), assinala-se como “um procedimento de análise que envolve a categorização, ordenação, manipulação e sumarização de dados”. Para Gil (2010, p. 72), “a finalidade da análise dos dados trata-se de organizá-los metodicamente de maneira que seja permitido o fornecimento das respostas ao problema de investigação”.

Portanto, no presente estudo, a análise dos dados coletados se deu de maneira descritiva, adquiridos por meio dos dados colhidos nos questionários de pesquisa, para então conseguir mensurar quais os resultados, dificuldades e práticas da Educação Financeira dos estudantes do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental, da Escola Estadual Maria Aparecida de Almeida, em Bonfinópolis. A pesquisa é um estudo de caso por ficar restrita a essa Escola.

## 4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A seguir, se encontram demonstrados os dados colhidos com a participação dos 80 alunos nesta pesquisa, em forma de gráficos. Também, foram comentados os dados colhidos para cada questão do questionário aplicado.

4.1. Questionados sobre o costume de poupar dinheiro, 48 (60%) dos alunos responderam que sim, enquanto 32 (40%) dos alunos responderam a alternativa não, como pode ser visto na figura 1.

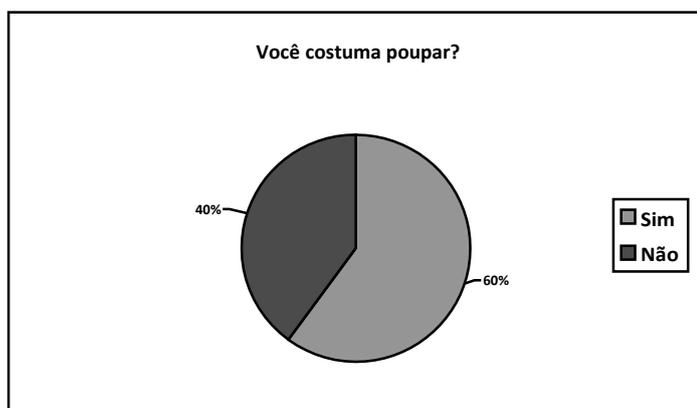


Fig. 1 - Questão referente a poupar dinheiro  
Fonte: Autor da pesquisa (2022)

4.2. Referente à questão sobre ter o costume de tomar dinheiro emprestado, 28 alunos (35%) responderam que sim, enquanto que 52 alunos (65%) dos alunos pesquisados responderam que não, como pode ser visto na figura 2.

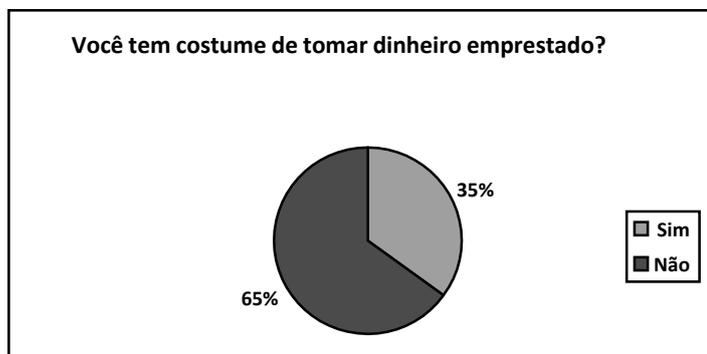


Fig. 2 - Questão referente ao costume de tomar dinheiro emprestado  
Fonte: Autor da pesquisa (2022)

4.3. Quando questionados sobre o fato de saberem o significado da palavra juro, 60 alunos (75%) responderam que sim, enquanto que 20 alunos (25%) responderam que não, como pode ser visto na figura 3.

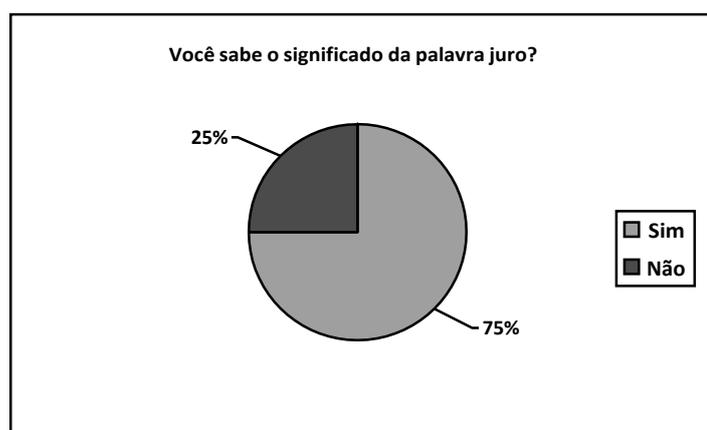


Fig. 3 - Questão referente ao significado da palavra "juro"  
Fonte: Autor da pesquisa (2022)

4.4. Perguntados se consideram normal as pessoas consumirem mesmo não tendo o dinheiro disponível, tomando emprestado ou comprando a prazo, 60 alunos (80%) responderam que sim, e 20 alunos (20%) responderam que não, como pode ser visto na figura 4.

4.5. Quando perguntados se, em sua casa, normalmente gasta-se mais do que a família ganha mensalmente, 56 alunos (70%) responderam que sim, enquanto que 20 alunos (25%) responderam que não, já 4 alunos (5%) responderam não saber responder, como pode ser visto na figura 5.

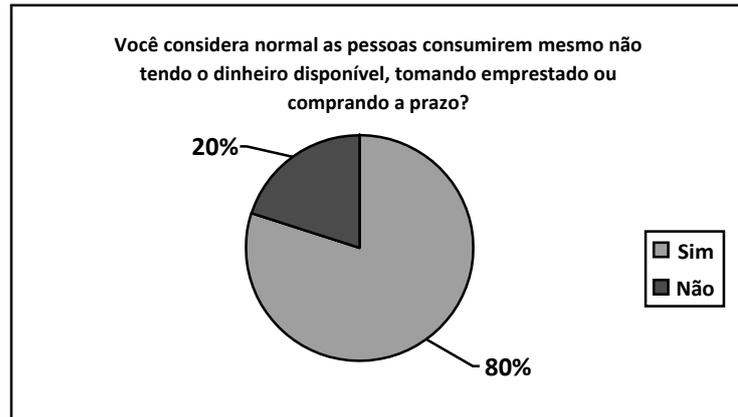


Fig. 4 - Questão referente ao fato de considerarem normal o consumo mesmo não tendo o dinheiro disponível, tomando emprestado ou comprando a prazo  
 Fonte: Autor da pesquisa (2022)

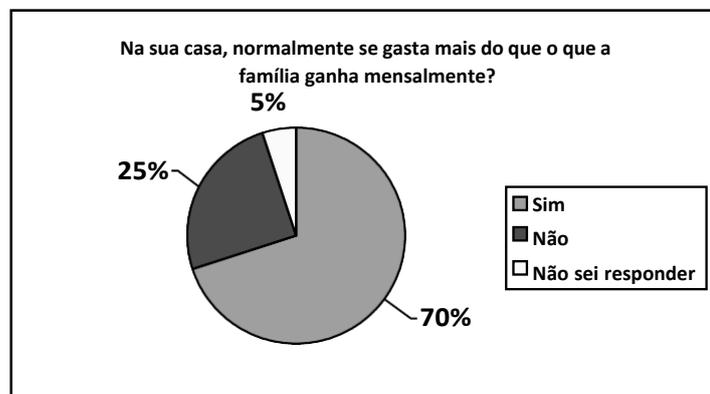


Fig. 5 - Questão referente ao fato de na casa normalmente se gastar mais do que o que a família ganha mensalmente  
 Fonte: Autor da pesquisa (2022)

4.6. Questionados se suas famílias sabem esperar até ter o dinheiro para consumir, 40 alunos (50%) responderam que sim, enquanto 32 (40%) alunos responderam que não, e 8 alunos (10%) não souberam responder, como pode ser visto na figura 6.

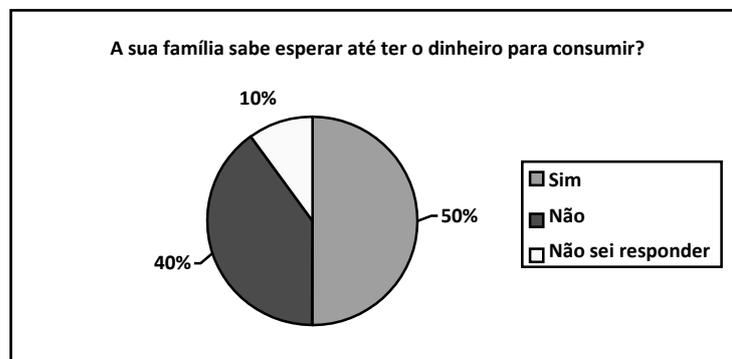


Fig. 6 - Questão referente a família esperar ou não até ter o dinheiro para consumir  
 Fonte: Autor da pesquisa (2022)

4.7. Perguntados se acreditam que a Educação Financeira deve fazer parte do currículo escolar, 75 alunos (95%) responderam que sim, enquanto 5 alunos (5%) responderam que não, como pode ser visto na figura 7.

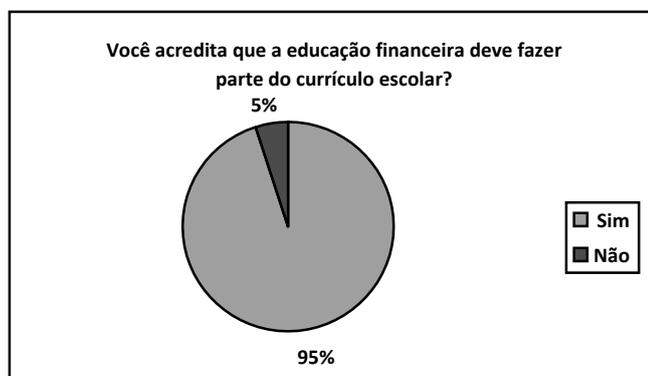


Fig. 7 - Questão referente ao fato de considerarem normal o consumo mesmo não tendo o dinheiro disponível, tomando emprestado ou comprando a prazo  
Fonte: Autor da pesquisa (2022)

4.8. Quando perguntados sobre o nível de entendimento sobre Educação Financeira, 24 alunos (30%) responderam ter nenhum, 32 (40%) alunos responderam ter pouco, 16 alunos (20%) responderam ter razoável, e 8 alunos (10%) responderam ter muito, como pode ser visto na figura 8.

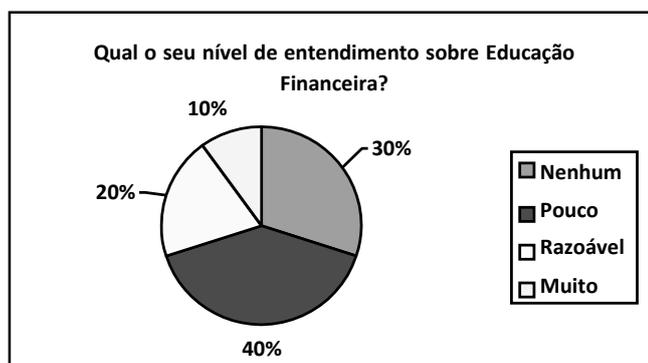


Fig. 8 - Questão referente ao nível de entendimento sobre educação financeira  
Fonte: Autor da pesquisa (2022)

4.9. Perguntados se consideram a Educação Financeira importante, 50 (70%) responderam que sim, enquanto que 30 alunos (30%) responderam a alternativa não, como pode ser visto na figura 9.

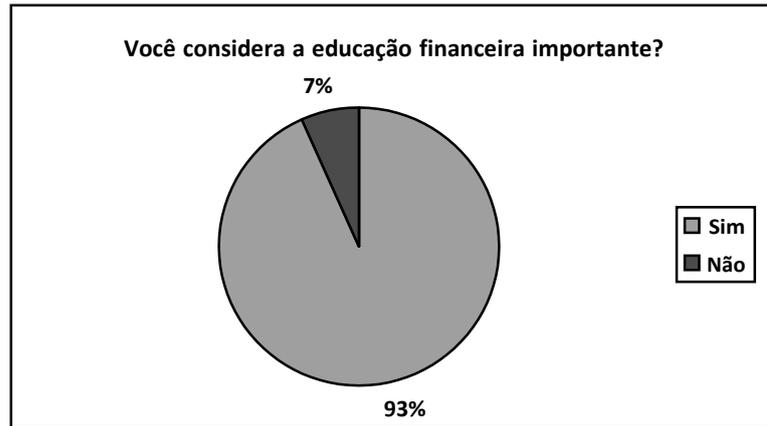


Fig. 9 - Questão referente a importância da Educação Financeira  
 Fonte: Autor da pesquisa (2022)

4.10. Questionados se, dentro da escola, os alunos já tiveram algum tipo de contato com algo referente a Educação Financeira, 60 alunos (80%) responderam que sim, enquanto que 20 alunos (20%) responderam que não, como pode ser visto na figura 10.

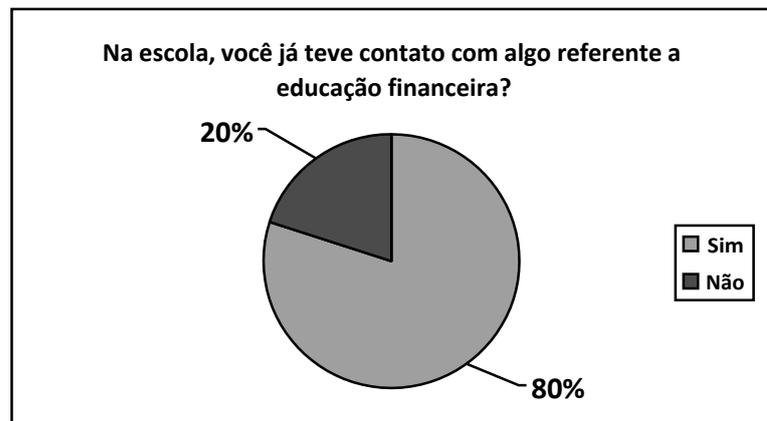


Fig. 10 - Questão referente ao contato na escola com Educação Financeira  
 Fonte: Autor da pesquisa (2022)

4.11. Perguntados se os professores, em algum momento na escola, já terem falado sobre Educação Financeira na sala de aula, 10 alunos (10%) responderam que sim, enquanto que 70 alunos (90%) responderam não, como pode ser visto na figura 11.



Fig. 11 - Questão referente ao fato de os professores já terem falado sobre Educação Financeira em sala de aula  
 Fonte: Autor da pesquisa (2022)

4.12. Perguntados se fora da escola já tiveram contato com Educação Financeira, 16 alunos (20%) responderam que sim, em casa, 8 alunos (10%) responderam que sim, com parentes, 24 alunos (30%) responderam que sim, com amigos, 8 alunos (10%) responderam que sim, de outras formas, e 24 alunos (30%) responderam que não, como pode ser visto na figura 12.

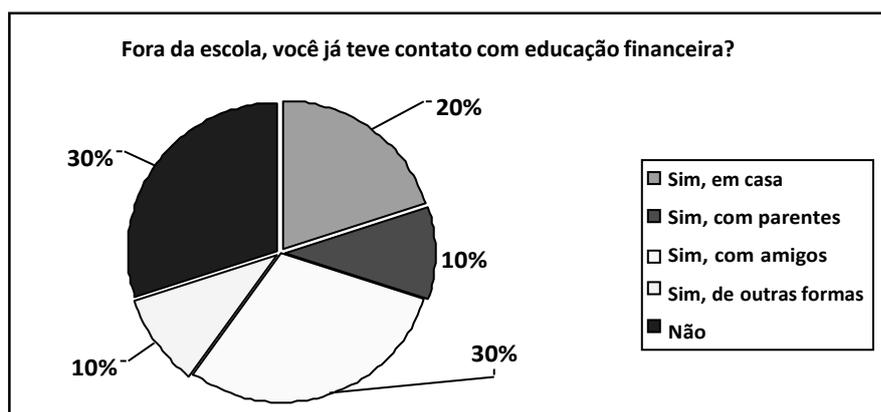


Fig. 12 - Questão referente ao fato de os professores já terem falado sobre Educação Financeira em sala de aula  
 Fonte: Autor da pesquisa (2022)

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve por objetivo averiguar se os estudantes do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental recebem ensinamentos sobre Educação Financeira. Desta maneira, com os resultados obtidos, concluiu-se que 32 (40%) dos alunos mostraram ter pouco entendimento sobre Educação Financeira, com 75 alunos (95%) evidenciando que a Educação Financeira deve fazer parte do currículo escolar, sendo ela importante para 50 (70%) dos pesquisados. Também, 60 alunos (80%) alegaram que já tiveram contato com algo referente a Educação Financeira na escola.

Observou-se também que 48 (60%) dos alunos possuem o costume de poupar dinheiro. Este resultado se mostra positivo, uma vez que poupar dinheiro é algo fundamental para uma boa saúde financeira, mesmo 32 (40%) dos alunos mostrarem ter pouco entendimento sobre Educação Financeira. Notou-se que 52 alunos (65%) dos alunos não possuem o costume de tomar dinheiro emprestado. Este resultado é animador, e talvez, este resultado se explique pelo fato de 60 alunos (80%) terem alegado que já tiveram contato com

algo referente a Educação Financeira na escola.

Foi observado também que 60 alunos (75%) sabem o significado da palavra juro, mesmo com 112 alunos (70%) respondendo que gastam mais do que a família ganha mensalmente em suas casas. Deste modo, mesmo os juros sendo um fator importante no consumo e empréstimo de dinheiro, não há uma preocupação em contrair uma possível dívida por parte destas famílias. Isto talvez explique o motivo pelo qual foi constatado que 60 alunos (80%) consideram normal as pessoas consumirem mesmo não tendo o dinheiro disponível.

Por fim, observou-se que 40 alunos (50%) são de famílias que sabem esperar até ter o dinheiro para consumir. Sendo assim, observa-se que há famílias que possuem planejamento financeiro, o que acaba fazendo com que os alunos se interessem pelo assunto, o que pode explicar o resultado de que 75 alunos (95%) mostraram que a Educação Financeira deve fazer parte do currículo escolar.

Referente aos objetivos específicos, ressalta-se que estes foram plenamente alcançados, pois, mostrou-se que a Educação Financeira trata de um campo que ajuda os indivíduos a se tornarem autossuficientes para que possam alcançar estabilidade financeira. No Brasil, todavia, como a Educação Financeira não é enfatizada no sistema educacional, não é exigido que os estudantes do Ensino Fundamental e Médio, por exemplo, participem de um curso de finanças individuais. A falta de uma Educação Financeira pode levar a escolhas financeiras pobres que podem ter consequências negativas no bem-estar financeiro de um indivíduo.

Por fim, notou-se que é importante que as escolas igualmente procurem adicionar em seu planejamento ações inovadoras que possam vir a abordar essa temática em sua conjuntura, para que, por meio do seu ensino e disseminação no meio educacional, possam formar mais adultos conscientes e sábios referente a Educação Financeira.

Ademais, ressalta-se que este estudo procurou colaborar socialmente em relação a um assunto que possui e carrega uma ampla importância econômica, social e individual. Assim, para trabalhos futuros, recomenda-se a realização de uma análise mais aprofundada em escolas públicas que tenham em sua grade curricular a disciplina de Educação Financeira e confrontá-las com escolas que não tenham, e assim, averiguar a diferença de realidades.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. BNCC. *Base Nacional Comum Curricular. Educação é a Base*. 2018. Disponível em:

<[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category\\_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192)>.

Acessado em 02 de maio de 2022, p. 01.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. 5ª ed. São Paulo: Pearson Pratices Hall, 2004.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

COLADELI, V. A. C; BENEDICTO, S. C de; LAMES, E. R de. *Educação Financeira x Comportamento do Consumidor no Mercado de Bens e Serviços*. XX Congresso Brasileiro de Custos – Uberlândia, MG, Brasil, 2013.

COSTA, E; SILVA, M. *Matemática e Educação Financeira nos anos iniciais do Ensino Fundamental*. Dissertação de Pós-Graduação em Ensino de Matemática. Faculdade de Ciências Exatas – Universidade Tuiuti do Paraná, 2011.

COUTINHO, C; TEIXEIRA, J. *A Educação Matemática e o seu papel na construção da Educação Financeira*. VII Congresso Ibero-americano de Educação Matemática – VII CIBEM. Uruguai: Montevideo, 2013.

DAMIANI, A. *Verdade Financeira: como utilizar os juros da vida a seu favor*. São Paulo: DSOP Educação Financeira, 2013.

D'AQUINO, C. *Educação financeira: como educar seus filhos*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

DOMINGOS, R. *Terapia Financeira: realize seus sonhos com Educação Financeira*. São Paulo: DSOP Educação Financeira, 2012.

FERNANDES, A. H de S; CANDIDO, J. G. Educação financeira e nível do endividamento: relato de pesquisa entre os estudantes de uma instituição de ensino da cidade de São Paulo. *Revista Eletrônica Gestão e Serviços*; v. 5, n. 2, 2014.

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002.

GIAMBIAGI, F. *Rompendo com a ruptura: O governo Lula. Economia brasileira contemporânea: 1945-2010*. Rio de Janeiro: Elsevier; 2011.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

KÜHL, M. R; VALER, T; GUSMÃO, I. B. *Alfabetização Financeira: Evidências e Percepções em uma Cooperativa de Crédito*. Sociedade, Contabilidade e Gestão, Rio de Janeiro, v. 11, nº 02, 2016.

MARCONI, M. de A; LAKATOS, E. M. *Técnicas de Pesquisa*. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MAY, K. C. *As relações das políticas créditos e os spreads bancários*. Monografia. UNESC. Criciúma; 2015.

MIGUEL, P. A. C. *Metodologia da pesquisa em engenharia de produção e gestão de operações*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

PELICIOLI, A. F. *A Relevância da educação financeira na formação de jovens*. Dissertação de Mestrado apresentado ao Mestrado em Educação em Ciências e Matemática da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação em Ciências e Matemática. Porto Alegre, 2011.

PERISSÉ, G. *Educação financeira com tema transversal*. 1ª ed. São Paulo: DSOP, 2014.

SOUZA, D. P de. *A importância da educação financeira infantil*. Monografia apresentada ao

curso de Ciências Contábeis, da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, do Centro Universitário Newton Paiva, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Ciências Contábeis. Belo Horizonte, 2012.

VANNUCCI, L. R. *Matemática Financeira e Engenharia Econômica: Princípios e aplicações*. 1ª ed. São Paulo: Blucher; 2013.

VIEIRA, K. M; MOREIRA JUNIOR, F de J; POTRICH, A. C. G. *Indicador de educação financeira: proposição de um instrumento a partir da teoria da resposta ao item*. Educ. Soc. Campinas, v. 40, 2019.

VIEIRA, S. F. A; BATAGLIA, R. T. M; SEREIA, V. J. *Educação financeira e decisões de consumo, investimento e poupança: uma análise dos alunos de uma universidade pública do Norte do Paraná*. Revista de Administração da UNIMEP. v. 09, nº 03, 2011.